

CONCLUSÕES DE TECHNICA E DE PHYSIOLOGIA

I — E' de imprescindível necessidade a depuração do liquido cephalo-racheano, cujo assucar se quer dosar pelo methodo cuprometrico.

II — A dosagem dos corpos reductores, expressos em glycose, effectuada antes da depuração plumbeo-sodica de Mestrezat, revela regularmente taxas mais altas do que a realizada após depuração. Essa diferença não costuma exceder no estado normal as cifras médias de 0,08, 0,12 por litro. Pódem vêr-se diferenças maiores — visinhas de 0,20 por litro — no limite pathologico.

As cifras differenciaes superiores a 0,20 por litro seriam sempre nitidamente pathologicas e devidas á presença no liquor não depurado, de substancias reductoras precipitaveis pelo clumbo.

III — A presença de albumina no liquor não depurado não explica as diferenças notaveis entre as duas taxas, parecendo ser a alta isolada pre-depuração devida a corpos reductores do intercambio pathologico, tanto mais quanto os casos em que o facto se observa de modo mais typico são em geral estados de auto-intoxicação.

Si attendermos em particular a que, em certos estados auto-toxicos, que se traduzem pelos varios grãos de diminuida permeabilidade renal, um dos signaes mais constantes é o augmento da retenção do azoto restante, é muito de suppôr sejam os varios componentes reductores do azoto restante do liquor os principaes responsaveis pela alta isolada da quota pre-depuração.

IV — São, entretanto, necessarios novos estudos para estabelecer com segurança quaes substancias medicamentares ("914"?) ou não (hydro-carbonados e azotados alimentares, etc.), dializados do sangue para o liquor, augmentarão neste ultimo a taxa dos seus corpos reductores usualmente dosados como glycose.

V — Si é licito admittir para o liquor o que verificamos em repetidos ensaios com soluções de glycose em agua destillada depurada pelo processo de Mestrezat, devem todos os resultados das dosagens por esse processo ser accrescidos de uma quota correspondente a um centigramma para cada decigramma do resultado achado.

Nós assim fizemos em todas as dosagens.

VI — A média normal, expressa em glycose, dos corpos reductores do liquor depurado pelo processo de Mestrezat, na mulher de idade e peso médios (45 a 52 ks.), sob alimentação mixta, oscilla no Rio de Janeiro de 0.45 a 0.50 ‰ (feito o accrescimento proporcional a que se refere a conclusão anterior).

CONCLUSÕES CLINICAS

I — Na epilepsia "essencial", de ataques espaçados o teor dos c. r. post-depuração é normal nos periodos intercalares, podendo, porém, haver exaggero pre-depuração, a termos de se verificar a accentuada diferença entre as duas quotas que constituiria nosso coefficiente positivo. Na epilepsia com ataques amiudados os c. r. post-depuração são diminuidos, havendo com frequencia diferença ainda mais notavel entre as duas quotas que no caso anterior.

No "estado de mal", os c. r. post-depuração pódem baixar a 0, não acontecendo o mesmo com os c. r. pre-depuração, dos quaes nunca, na epilepsia, ou em outra qualquer syndrome ou entidade, verificámos a ausencia.

II — Na esclerose cerebral atrophica da infancia encontramos cifras semelhantes ás verificadas na epilepsia "essencial".

III — Na arterio-sclerose cerebral os resultados das dosagens variam, o que não será de extranhar, attenta a frequente coincidência, nos doentes d'essa grave affecção, de lesões visceraes, capazes de influir sobre a glycemia, e secundariamente sobre a glycorachia.

De cinco dos nossos casos, em que seria para esperar uma hyperglycorachia provocada pelo mecanismo da "espinha organica", sómente dous a apresentaram.

IV — Na syphilis cerebral e na paralysis geral, apesar da intensa pleocytose cephalo-racheana, só excepcionalmente (surtos agudos?) se encontram cifras verdadeiramente baixas.

Em regra encontrámos cifras normaes ou levemente hypo. Tendo em vista, porém, que no sangue ha augmento do assucar, em muitos d'esses doentes, occore-nos que a pleocytose do liquor impedirá a verificação de tal augmento neste humor, havendo, pois, em taes casos, uma verdadeira hyperglycorachia latente.

V — Na demencia precoce (casos antigos de hebephreno-catatonía), predomina baixa discreta, mas nitida, dos corpos reductores post-depuração, frequentemente em contraste com elevado teor pre-depuração, sendo pois applicaveis aqui as mesmas considerações, feitas a proposito do achado na epilepsia "essencial".

VI — Na psychose maniaco-depressiva encontramos, ao contrario, franca hyperglycorachia na excitação maniaca (média de quatro casos: 0,631 ‰) resultados variaveis nos estados depressivos e mixtos, e cifras normaes (do limite superior da normalidade) nos interlucidos (média de seis casos: 0,509 ‰).

VII — Quanto ás mais psychoses, não cremos que nos- nos exames autorizem conclusões de importancia, a não ser, em parte, que a debilidade mental não altera de modo apreciavel a quota dos corpos reductores, assim pre- como post-depuração, merecendo, pois, as respectivas cifras consideradas como normaes (limite inferior da normalidade geralmente).

Vocabulario medico

Dr. R. M.

Entre os medicos, o desejo de corrigir os vicios do vocabulario medico, é notavel e louvavel.

Esta boa intenção deve de ser animada por meio de troca, cordeal, de conhecimentos.

Ha pouco, uma revista clinica inseriu um fragmento de lição de um professor brasileiro, em que é condemnado o emprego das palavras *fascia* e *tibia* no genero masculino, em Portuguez, porque são do genero feminino, em Latim.

Diz textualmente o erudito professor: "A palavra latina *fascia*, legitimamente do genero feminino, passando para o Portuguez, na sua forma original, ou na modificação faixa, não tolera mudança de sexo."

A intolerancia de regra não é aceitavel.

São numerosas as palavras a que se mudou o genero ao passarem para o Portuguez, como *dote*, *louro*, *mappa*,

methodo, paul, que eram femininas em Latim, e são masculinas em Portuguez; ao passo que **côr, flôr, dôr, fonte, ponte**, eram masculinas em Latim, e são femininas em Portuguez.

Na lingua portugueza ha palavras que tem mudado de genero.

Dizia-se, antigamente, **a mar**; hoje dizemos **o mar**, mas continuamos a manter o genero feminino nos compostos, **a preamar, a baixamar**. Dizemos **o planeta**, e Camões cantou:

"Mas já a planeta, que no céu primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrava, emquanto o mar,....."

Tambem **cometa, fim**, já foram femininas em Portuguez.

No tempo de Bernardes eram variaveis **excepta comuna** e escrevia-se aquella aleijão.

Tribu e arvore já foram masculinos.

Que muito é que mude o genero ás palavras, o uso, que lhes troca o significado? o **burrus** não substituiu, o asinino burras, onde o qualificativo da **côr** passou a designar o proprio animal?

O uso não conhece impecilhos; impõe-se apezar de todos os pezares.

Ainda temos de esperar pela estabilidade de genero de **parasita, cholera, apostema**, etc.

Voltemos aos nossos **fascia e tibia**, e examinemos a accepção em que são empregados.

E' devido á accepção que cabeça, espia, capital, trama, lima, são ora femininos ora masculinos: a espia-corda, e o espia-vigia; a capital-cidade, e o capital-valor; a trama-tecido, e o trama-ardil; a lima-fruta, e o lima-rio.

A palavra fascia foi empregada devido á semelhança do musculo a denominar com uma faixa; a palavra tibia indicava a semelhança do osso maior da canella com uma frauta.

Esta ideia de semelhança perdeu-se. Ninguém mais se lembra de musica assoprada em canellas; o que ficou, é que se diz **o osso tibia, e, d'ahi, facilmente: o tibia**.

Ha um facto de attracção, que encontra semelhança em domingo em vez de **dominga**—dominica dies. O adjectivo recebeu do substantivo dies o genero usado, que era o feminino, d'ahi dominica. O Portuguez recebeu no feminino — **dominga** — que ainda perdura em linguagem ecclesiastica; mas o impiedoso uso impôz: o domingo.

O mesmo com fascia, — o musculo fascia tal, — o fascia—; assim foi sendo repetido, e assim já o firmou o uso. E' definitivo?

Quem, aqui, dirá, em aula de anatomia: — a omoplata? — e no entanto os Dicionarios ainda continuam a affirmar: omoplata, substantivo feminino.

E' interessante a coincidência da troca de genero de canella. Ha um logar no municipio da Taquara que foi denominado **o canella**.

Em questões de linguagem não ha revolta util contra o uso.

O presente caso rege-se pela regra geral: Genera noluminum partim ex significatione, partim ex terminatione, sed precipue usu noscuntur.

O tartaro bismuthato de potassio e de sodio no tratamento da syphilis (*)

Prof. Eduardo Rabello,

Prof. da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro.

Em nome do professor Levaditi, venho hoje dar conta á Academia da descoberta feita por aquelle sabio e por Sazerac da acção dos saes de bismutho, na especie e tartaro-bismuthato de potassio e de sodio, na therapeutica da syphilis.

A descoberta de um novo agente contra a syphilis não pôde deixar de ser olhada com o maior interesse, principalmente, quando muda inteiramente o rumo das nossas esperanças para um outro sal, fóra dos compostos arsenicaes. Desse modo, alargaram-se naturalmente os nossos horisontes e nos preparamos para novas tentativas até que tenhamos conseguido dominar a doença em qualquer dos seus periodos e manifestações. E' evidente que, mesmo deixando de lado, sem tiral-a do laboratorio, a idéa da therapeutica magna esterilizante, alguma cousa conseguimos com os arsenicaes, que já nos deixam entrever, infelizmente, ainda dentro de condições especiaes e mais raras, a possibilidade da cura absoluta, da absoluta esterilização do organismo infectado. Emquanto os laboratorios não param na faina de melhorar o salvarsan e seus succedaneos, em marcha para a consecução daquelle "desideratum", é com justificado alvoroço que sabemos do effeito de um novo agente, mórmente, quando, como se verifica com os saes de bismutho acima referidos, se conseguem resultados que fazem inquestionavelmente lembrar os primeiros successos obtidos com a medicação arsenical. E' bom notar, entretanto, que a cura da infecção syphilitica não está assegurada com a simples desappareição de lesões, que a infecção é de natureza chronica e tem marcha intermitente, podendo por si mesma como resultado da propria resistencia da economia ou em consequencia de acção medicamentosa, apresentar phases de acalmia e de latencia. Só o tempo e o preenchimento de certas outras condições nos poderão deixar verificar a cura definitiva que, embora dentro da possibilidade, não se deixa facilmente contraprovar de maneira absoluta.

Dentro desses pensamentos, merece, pois, a maior attenção a nova descoberta, que se apresenta á consideração dos clinicos com as melhores credenciaes, depois de experiencias num dos maiores institutos mundiaes de experimentação, o Instituto Pasteur de Paris, e sob o patronato de um nome, como o do professor Roux, que não precisa de nenhum encomio, quando é citado.

Os resultados, que passo hoje a referir á Academia, pouco differem, a não ser pelas maiores minucias, do que em linhas geraes já é entre nós conhecido.

Conforme se depreende da communicação feita pelo professor Roux, em 30 de maio ultimo, á Academia de Sciencias de Paris, Sazerac e Lavaditti procederam com methodo scientifico e prudencia ensaiando o novo producto primeiramente em animaes de laboratorio e provando a sua efficacia, pois que curaram esses animaes de affecções syphiliticas, antes de applical-o no homem. Antes delles, Sauton e Robert, desde 1918, tinham demonstrado o poder preventivo e, até certo ponto, curativo do bismutho na espirillose das gallinhas.

*) Communicação feita á Academia Nacional de Medicina.